



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381 <https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.3.269-288>

A história de um grupo de estudos em sexualidade e gênero e a formação inicial docente em Biologia

Rayanne Barroso Silva, Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências (GEPENCI) da UFC, rayanne.barroso@gmail.com

Raquel Crosara Maia Leite, doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Atualmente é docente associado II da Universidade Federal do Ceará, lotada no Departamento de Teoria e Prática do Ensino, FACED, raquelcrosara@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo desse trabalho é contar a história de um grupo de estudos em sexualidade e gênero, a partir das vivências de suas participantes, e dessa maneira, entender como a história do grupo se relaciona com a formação inicial dessas alunas e suas demandas na época de criação do grupo de estudos. A pesquisa (auto)biográfica foi utilizada na metodologia desse trabalho e a Entrevista Narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) foi utilizada como método de geração dos dados. Participaram dessa pesquisa duas ex-participantes e membras fundadoras do grupo de estudos. O GEPESEX foi fundado em 2012 e foi um grupo de extrema importância para o curso de Ciências Biológicas e a sua formação docente.

Palavras-chave: Grupo de Estudos, Sexualidade, Ciências Biológicas, Narrativas, Formação.

The history of a group of studies on sexuality and gender and the initial teacher training in biology

Abstract: The objective of this work is to tell the story of a group of studies in sexuality and gender, from the experiences of its participants, and thus, to understand how the history of the group is related to the initial formation of these students and their demands at the time of creation of the study group. The (auto)biographical research was used in the methodology of this work and the Narrative Interview (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) was used as a data generation method. Two former participants and founding members of the study group participated in this research. GEPESEX was founded in 2012 and was a group of extreme importance for the Course of Biological Sciences and its teaching training.

Keywords: Study Group, Sexuality, Biological Sciences, Narratives, Training.

Submissão: 2021-07-19. **Aprovação:** 2021-12-20. **Publicação:** 2021-12-23

Introdução

A ideia desse trabalho nasce a partir das minhas inquietações e vivências com as temáticas da educação para as sexualidades (XAVIER FILHA, 2017)¹, que começam antes mesmo da minha entrada na universidade, através de experiências identitárias e da minha formação escolar. Mas foi somente dentro do ambiente acadêmico que ingressei na pesquisa com as temáticas de sexualidade e gênero como meu principal interesse de atenção no ensino de ciências. Assim, esse trabalho é parte da minha dissertação de mestrado.

Vivemos um período de profundas mudanças políticas. Com a eleição de um governo negacionista científico e inclinado à extrema-direita, a perseguição da educação para as sexualidades se intensificou, a partir de setores fundamentalistas religiosos alinhados ou não ao governo do presidente Jair Messias Bolsonaro.² Importante destacar, que essa perseguição moral não começa com essa gestão federal, mas foi aglutinada às ideias conservadoras defendidas pelo atual governo, gerando uma atmosfera de políticas pensadas e praticadas para uma perseguição moral de minorias sexuais e de gênero.

Assim, não nos falta exemplos de como grupos políticos se organizam para defender e criar esse pânico moral e como essas perseguições são inseridas no campo da educação. Um dos grandes exemplos de organizações desse sentido é o “Movimento Escola sem Partido” (MESP)³, criado pelo advogado Miguel Nagib, que gerou debates e suas manobras serviram como incentivo para que várias propostas de lei fossem criadas nos últimos anos, no sentido de permitir essa perseguição no ambiente escolar.

Uma outra ameaça a educação para as sexualidades é comentada em um entrevista⁴ pela autora Jimena Furlani (2016) “A ideologia de gênero é um termo que apareceu nas discussões sobre os Planos de Educação, nos últimos dois anos, e tem sido apresentado a

¹ Após a leitura do artigo intitulado “Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira?” de Constantina Xavier Filha, foi adotado o termo “Educação para as sexualidades”, em substituição ao termo tradicional “Educação Sexual”, para evitar contradições históricas associadas a essa terminologia mais comum.

² Ver no trabalho de Rogério Diniz Junqueira (2018) a ascensão de grupos ultraconservadores e fundamentalistas religiosos, que espalham o pânico moral e ideias de combate aos direitos humanos de minorias sexuais e de gênero.

³ <http://www.escolasempartido.org/>

⁴ <http://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>

nós como algo muito ruim, que visa destruir as famílias.” A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi aprovada sob forte influência desses grupos, onde observamos a retirada de termos relacionados com sexualidade e gênero (MOURA; LEITE, 2019).

Dentro desse contexto, a educação para as sexualidades passa a ser minimizada e perseguida dentro dessas inclinações sociais e políticas. Mas sabemos, que a educação para as sexualidades é de total importância para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes. A autora Caroline Acari (2017, p. 24) defende que a educação para as sexualidades “precoce é a forma de desenvolver conceitos importantes de proteção, já que o abuso acontece em todas as faixas etárias”. Assim, temos que a educação para a sexualidade tem a importância de ensinar crianças e adolescentes a experienciar uma vida sem abusos e de pleno desenvolvimento saudável dessas questões.

Ainda pensando sobre a importância da educação para as sexualidades nas escolas, a autora Jimena Furlani (2016 posição 1717) afirma que as questões defendidas pela educação para as sexualidades são conhecimentos indispensáveis para a formação completa da criança e do adolescente. Pois a sexualidade é “construída discursivamente e se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade” (FURLANI, 2016 posição 1722).

A Biologia é a disciplina que assume a tutela da educação para as sexualidades dentro do espaço escolar. Essas aulas, na maioria das vezes, não correspondem e não enfrentam a realidade das alunas⁵. E, assim, “um caminho pavimentado por desafios e dilemas deverá ser trilhado por professores de Ciências e Biologia comprometidos com a defesa da pluralidade de ideias, com a diversidade humana e com a inclusão dos marginalizados sociais” (BORBA; ANDRADE; SELLES, 2019, p. 154).⁶ A Biologia precisa acolher as demandas sociais trazidas por alunas e entender que a educação para as sexualidades necessita ser “aberta” e preocupada com a realidade social e cultural que vivemos.

Sobre a nossa realidade social, temos que a sociedade brasileira apresenta graves problemas estruturais quanto à violência LGBTQIA+⁷ e de gênero. Somos o país mais

⁵ A escrita desse artigo faz uso de substantivos e adjetivos no feminino.

⁶ Devido ao apagamento de mulheres cientistas nas ciências, utilizei o primeiro nome das autoras nas citações indiretas e diretas, deixando assim essa marcação de gênero evidenciada no trabalho.

⁷ A sigla LGBTQIA+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e as demais diversidades de identidades sexuais e de gênero. A sigla nesse formato foi escolhida por abranger

violento do mundo em relação a vida de pessoas LGBTQIA+. Em números recentes, temos que “em 2019, 329 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%)” (OLIVEIRA, 2020, p. 12). Esses números assustadores demonstram o quanto essa parcela da sociedade ainda sofre com violência e crimes hediondos somente por viverem suas realidades sexuais e de gênero, que diverge de ‘normas’ sociais impostas.

Dessa maneira, toda essa violência também se apresenta no espaço escolar, adolescentes que possuem uma identidade sexual e de gênero fora da norma são violentadas das mais variadas formas dentro desses espaços de educação. A autora afirma no fragmento abaixo que:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém 'assuma' sua condição homossexual, bissexual ou trans. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo - inato a todos - deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora formas não heterossexuais de sexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, dessa forma, oferece muito poucas oportunidades para que os adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. (Guacira LOURO, 2018, p. 37 e 38)

Dessa maneira, podemos nos questionar como formar professoras de Biologia preparadas para enfrentar essa realidade e acolher essas novas demandas culturais? Infelizmente, a nossa realidade atual é que muitos desses cursos não abordam e não possuem um grande interesse em se alinhar com essas questões, e dessa maneira, essas futuras professoras acabam não falando sobre educação para sexualidades por medo de não dominarem o assunto, por motivos religiosos etc. Ou mesmo que abordem essa temática em suas aulas, acaba sendo somente de uma forma tradicional e reducionista através da abordagem biológico-higienista (VITOR; MAISTRO; ZÔMPERO, 2020).

Tentando fugir dessa formação reducionista a respeito de questões relacionadas a sexualidade e gênero, alguns cursos de Ciências Biológicas já conseguem incorporar disciplinas em seus currículos, que aparentam incluir boa parte desses temas, como é o caso do trabalho de Souza (2018), que investiga disciplinas de Sexualidade na Universidade Federal de Sergipe (UFS). No caso de um curso de Ciências Biológicas da Região Nordeste, a criação de um grupo de estudos com essas temáticas foi proposta no ano de 2012. O Grupo de Estudos, Pesquisa e Ensino de Sexualidade (GPESEX) foi

uma grande quantidade de identidades sem que comprometa a fluidez da leitura. Além de se alinhar as demandas mais atuais.

criado com a intenção de abordar temáticas de sexualidade e gênero que o currículo de formação do curso não apresentava.

Essa pesquisa se alinha aos estudos culturais, principalmente às concepções teóricas de pós-estruturalistas, como a pesquisadora brasileira Guacira Lopes Louro (2018), que percorrerá toda essa narração. Assim, entendendo que os estudos culturais “sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade” (ESCOSTEGUY, 2000, p. 3). Uma interdisciplinaridade que precisa estar presente em trabalhos desse tipo, e a Biologia precisa começar a se entender de forma interdisciplinar.

Assim, o **objetivo** desse trabalho é: contar uma parte da história do GEPESSEX a partir das vivências de suas participantes, e dessa maneira, entender como a história do grupo se relaciona com a formação inicial dessas alunas e as demandas que elas possuíam na época da criação do grupo de estudos.

Procedimentos metodológicos

Esse artigo apresenta a pesquisa (auto) biográfica como abordagem metodológica, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa. Isso permite que diferentes grupos de sujeitas possam descrever seus processos com as temáticas de Gênero e Sexualidade sem que a análise e a compreensão desses processos percam subjetividades importantes. Na pesquisa (auto)biográfica, a abordagem com as Histórias de Vida foi escolhida por se relacionar melhor com o objetivo desse trabalho.

Sobre a pesquisa com História de Vida, a autora Christine Delory-Momberger (2008, p. 26) comenta que “[...] no polo educação-formação, ela é representada, particularmente, pela corrente das histórias de vida, cujo dispositivos têm o intuito de esclarecer projetos pessoais e profissionais a partir da apropriação de uma “história pessoal.” Assim, buscando compreender como a história de um grupo de estudos em sexualidade se constitui, foram realizadas Entrevistas Narrativas (EN) com duas ex-participantes do grupo.

A EN é uma técnica que “tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado um “informante”) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (JOVCHELOVITCH;

BAUER, 2002, p. 93). Dessa maneira, as narradoras que participaram dessa pesquisa foram escolhidas a partir do primeiro levantamento histórico do grupo, através de documentos na *internet* pesquisados na página do grupo de estudos na rede social *Facebook*, e os documentos que estão em posse da primeira autora desse trabalho, que foi responsável por organizar o grupo de estudos durante o ano de 2014.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição de ensino com o número de parecer 3.753.434, e logo após foram selecionadas duas participantes, um participante (N01) do gênero masculino⁸ e professor da rede municipal de ensino e uma participante (N02) do gênero feminino e professora da educação básica da rede estadual. A escolha das participantes foi realizada através da busca inicial nos documentos do grupo de estudos, como frequências e atas de reuniões, assim foi dado preferência as participantes que fizeram parte da geração inicial do grupo e que atuavam como professoras no ensino básico.

As entrevistas foram realizadas em locais de preferência das participantes, gravadas em áudio e posteriormente transcritas. As entrevistas foram planejadas de acordo com (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), devido a falta de tempo das participantes, as entrevistas aconteceram separadamente com cada uma das entrevistadas e foram realizadas somente em um dia, sem que houvesse nenhum prejuízo a pesquisa, pois todos os passos do protocolo da EN foram seguidos. A pergunta norteadora adotada para a EN é: Levando em consideração que você participou em algum momento do Grupo de Estudos, Pesquisa e Ensino de Sexualidade (GPESEX) do curso de Ciências Biológicas da UFC, conte como foi a sua história com o grupo de estudos?

Os dados foram analisados com a técnica de análise de narrativas proposta por Elizeu Souza (2014), a análise compreensiva-interpretativa, que “[...] busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas [...]”. (SOUZA, 2014, p. 43). A primeira autora desse artigo também fez parte da história do grupo, assim, o texto será escrito em primeira pessoa mantendo suas identidades e interpretações.

⁸ A definição de gênero aqui é utilizada baseada em como as participantes se identificaram durante o momento da entrevista.

A história do GEPESEX e a formação inicial docente nas Ciências Biológicas

A história do grupo é organizada em duas gerações. A variação de tempo para ilustrar essas gerações foi escolhida baseada em memórias pessoais, relatos informais e formais retirados das EN e documentos do grupo. Somente a história da primeira geração será contada no atual artigo. Essa decisão foi tomada, pois ao longo da pesquisa de mestrado foi entendido que a primeira e a segunda geração possuem diferenças em suas formas de atuação e constituição. Não teríamos espaço suficiente para explorar bem a história das duas gerações em um único trabalho, e dessa forma, priorizamos somente a primeira geração neste artigo. As atividades do GEPESEX foram encerradas formalmente em meados do ano de 2015.

O GEPESEX institucionalmente é criado no ano de 2012. Porém, as suas sementes estavam plantadas há mais tempo. Segundo o *N01* que estava no momento da fundação do grupo: “[...] *as ideias iniciais do GEPESEX, enquanto grupo de escuta, principalmente*”. O narrador *N01* deixa evidente a vontade e a necessidade que existia na época de criar um espaço de encontro e estudo para trabalhar os temas relativos com a sexualidade e o ensino dela. Portanto, o GEPESEX nasce dessa inquietação que existia por parte das alunas do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado).

A falta de espaço para pensar a educação para as sexualidades

Algumas disciplinas do curso foram citadas pelas participantes da pesquisa em suas narrações. Tanto o *N01* e a *N02* falaram da falta e/ou a existência de disciplinas que foram importantes nesse início de inquietações para o surgimento do grupo. Como o narrador *N01* comenta:

[..] Aí, acho que isso foi uma das primeiras coisas que me fez querer as ideias iniciais do GEPESEX, enquanto grupo de escuta, principalmente. Aí, a gente ia começar a fazer o primeiro semestre e conheci a professora “R”⁹ que dava IPEC I e aí ela era da Educação, eu achava muito, assim, massa.

⁹ O nome da professora foi substituído pela abreviação “R”, para que sua identidade fosse preservada.

Esse período de inquietações e questionamentos dentro desse espaço ficou mais evidenciado a partir de experiências dentro da disciplina Instrumentalização para o Ensino da Ciência I (IPEC I), que faz parte da matriz curricular do curso de Ciências Biológicas investigado. IPEC I é uma disciplina obrigatória do primeiro semestre para as duas modalidades do curso (Licenciatura e Bacharelado). As entrevistas citam essa disciplina como sendo um espaço gerador de questionamentos que levaram ao nascimento do grupo. No entanto, não foi dado mais nenhum detalhe de como a disciplina se constituía na época, porém na ementa da disciplina não há indicação dessa temática.

Em um estudo anterior sobre as matrizes curriculares dos cursos de licenciatura em Física, Química e Biologia, buscamos encontrar disciplinas que trazem e/ou incentivam os estudos de sexualidade e gênero nas matrizes curriculares desses cursos de formação em Ciências Naturais. Encontramos um total de 4 (quatro) disciplinas, sendo duas comuns aos três cursos pesquisados e duas presentes somente no curso de Física (XXX SILVA; XXX MOREIRA; XXX LEITE, 2019). Esse resultado surpreende, pois, a estrutura curricular do curso de licenciatura em Física se mostra mais ‘aberta’ e preocupada em trazer para suas alunas disciplinas que abordem temáticas relacionadas à sexualidade humana.

Assim, mesmo tendo um maior incentivo em número, ainda podemos perceber que o acesso a essas disciplinas é dificultado por serem disciplinas optativas, ofertadas por cursos localizados em outros *campi* e que nem mesmo são ofertadas regularmente. Alexandre (2019) procurou entender como a educação para as sexualidades aparece no curso. Assim:

Constatou-se que nenhuma das disciplinas ofertadas para o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC traz em seus títulos termos relativos à sexualidade ou Educação Sexual. Assim sendo, não parece haver nenhum componente curricular que possua Educação Sexual ou Sexualidade como objetivos principais (ALEXANDRE, 2019, p. 13).

Concordando com o autor citado, a pesquisa do mesmo ano com a matriz curricular do curso não identificou nenhuma disciplina que trouxesse em seu título menção à educação para as sexualidades. Os dois componentes curriculares encontrados foram: (i) *Educação em Direitos Humanos* e (ii) *Diferença e Enfrentamento Profissional nas Desigualdades Sociais*. Essas duas disciplinas fazem parte do quadro optativo da matriz curricular do curso e são ofertadas pela Pró-Reitoria de Graduação da UFC (XXX SILVA;

XXX MOREIRA; XXX LEITE, 2019). Essas disciplinas têm em comum o fato de serem ofertadas para todos os cursos de graduação, não tendo, assim, uma abordagem voltada ao ensino e a formação de professoras de Biologia.

As ementas dessas disciplinas também demonstram que os conteúdos relativos à sexualidade e gênero tendem a aparecer não levando em consideração todos os aspectos relacionados à essas temáticas. Aspectos principalmente relacionados as questões sociais de antidiscriminação e de outros direitos fundamentais relacionados à sexualidade e a expressão de gênero não eram contemplados. Assim, a narradora N02 comenta sobre essa falta que as alunas sentiam de vivenciar os assuntos relacionados com a educação para as sexualidades em sala de aula durante suas formações. Ela narra que:

A necessidade dele foi justamente porque a gente se via em sala de aula, ou nos estágios, ou então mesmo se perguntando como a gente daria esse tipo de assunto, né? E a gente não tinha nenhuma ajuda dentro da universidade, em termos de disciplinas, para saber como trabalhar esse tipo de conteúdo, nem mesmo a questão teórica, porque a gente tem a parte de Anatomia e Fisiologia, mas que é dado de forma muito precária, né? [...]

No fragmento anterior, a narradora N02 destaca as disciplinas voltadas a entender o corpo humano como Anatomia e Fisiologia que, segundo ela, eram dadas de maneira muito precária. Essas duas disciplinas que a narradora comenta são ofertadas para o curso de Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado) pelos departamentos dos Cursos das Áreas da Saúde. As disciplinas *Elementos de Anatomia Humana*, obrigatória do 5º semestre do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura), e *Fundamentos de Fisiologia Humana*, obrigatória do 6º semestre (Licenciatura), não foram suficientes para prepará-la para as vivências em sala de aula com as questões relacionadas à educação para as sexualidades, e somente focavam em abordar aspectos relacionados à descrição anatômica e funcional do corpo humano, como o esperado.

Como já sabemos, a abordagem da educação para as sexualidades focada somente nos aspectos biológicos é insuficiente para essa área de ensino, pois a sexualidade é atravessada por outras questões, como as identitárias e as culturais. Pensando dessa forma, fica claro entender a insatisfação que existia nas narradoras e outras alunas do curso quanto à formação presente no curso estudado. Sendo assim:

é preciso refletir sobre como travaremos essas discussões e concretizaremos essa proposta frente ao cenário que se desenha, uma vez que a influência vigorosa de movimentos neoconservadores tem insistido que em nossas aulas só deve haver a disseminação de um determinado tipo de conhecimento, tido como “neutro”, da anatomia e da fisiologia humana, gerando uma pressão que intensifica a exclusão de questões culturais que atravessam a constituição plural dos sujeitos, que são biológicos, mas também sociais" (BORBA; ANDRADE; SELLES, 2019, p. 153).

No trabalho de Alexandre (2019, p. 15), que também fez uma busca nos conteúdos programáticos dos componentes curriculares existentes para identificar a educação para as sexualidades em algumas disciplinas, encontrou-se que:

a maior parte das disciplinas relacionadas aos temas em discussão ofertadas pelo Departamento de Biologia apresentam 64 horas ou mais de carga horária e a maioria delas não apresenta em seus conteúdos programáticos nenhuma das palavras-chave buscadas nesta pesquisa. Foi verificado que apenas duas disciplinas apresentam tais termos: Evolução e Genética.

De todas as disciplinas pesquisadas pelo autor, somente as de *Genética e Evolução* apresentam termos e temáticas relacionados à sexualidade humana. Nessas disciplinas temos contatos com temas da Biologia que envolvem o sexo e a reprodução na espécie humana e em outras espécies. No entanto, essas abordagens são normativas, deterministas e, muitas vezes, tratam diversidades como síndromes e doenças. O que surpreende no resultado dessa pesquisa é o fato de nenhuma das outras disciplinas apresentarem a sexualidade e o ensino dela, principalmente as disciplinas voltadas à educação e ao ensino, que deveriam dialogar com essas temáticas.

A disciplina IPEC I, que foi citada pelas narradoras, não aparece em nenhum dos trabalhos. Esses resultados nos fazem refletir que é necessário rever as disciplinas que são ofertadas e as suas ementas, para que possamos ter um curso mais contextualizado e preocupado com a realidade de suas alunas e das profissionais que sairão de seus departamentos e salas de aula, que se preocupam, se interessam e se identificam com essas temáticas.

Inicialmente, o GEPESSEX surgiu muito também do convívio que existia entre as alunas da licenciatura em formação e as professoras formadoras, que sabiam acolher as

demandas que eram trazidas por suas alunas. Não foi uma ideia individual proposta por alguém, por uma professora ou uma aluna, mas uma ideia construída coletivamente.

As questões identitárias trazidas por essas alunas no começo do GEPESSEX

Assim, a maioria das participantes que começaram o GEPESSEX eram do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Biologia (LEBIO) da curso pesquisado. Foi dentro desse espaço de acolhimento e reflexão que o GEPESSEX nasceu, mas não só as alunas que tinham alguma relação com a formação docente participaram do começo do grupo e contribuíram para o seu surgimento, pois muitas alunas que estavam nesse começo sentiam a necessidade de encontrar um espaço de acolhimento para questões e vivências identitárias que surgiam nos corredores, salas de aula e outros espaços do curso.

O *N01*, por se entender como uma pessoa LGBTQIA+, relata como era para ele coexistir naqueles espaços e perceber essas demandas: “[...] lá naquela brincadeira de perguntar o nome e a sexualidade, e não sei o quê, logo no trote, eu fui a única pessoa que disse que beijava homens e mulheres e gostava de pessoas.” O *N01* relata que em uma espécie de brincadeira existente no curso, ele foi o único que se sentiu à vontade para, naquele momento, falar abertamente sobre a sua sexualidade.

Assim, “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão” (FOUCAULT, 2019, p. 11). Naquele momento, ele se reconhecia como uma pessoa que transgredia ao assumir vivências sexuais que suas demais colegas não conseguiam assumir. Ele sentiu que naquele instante poderia se identificar como ‘*uma pessoa que beija homens e mulheres*’, e sobre isso, Guacira Louro (2018, p. 13) discute que:

Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

O processo de se apresentar dentro de uma identidade é um processo social complexo e pode ser influenciado por diversos fatores. A autora Guacira Louro (2018, p. 11) reflete que “o primeiro deles remete-se à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; o segundo, o fato de que a sexualidade

é 'aprendida', ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos."

Dessa forma, por entendermos que a sexualidade é um processo construído ao longo do percurso de nossas vidas, e que essa construção passa por processos individuais e coletivos, foi o que, talvez, levou o *N01* a se questionar do porquê suas colegas, mesmo vivenciando suas sexualidades longe do alcance do olhar de outras pessoas, não conseguiam assumir essas identidades para mais pessoas. Essa forma de assumir é uma maneira também de se posicionar politicamente, pois "[...] podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder" (LOURO, 2018, p. 19). Essas relações de poder nos marcam e afetam a forma como nos identificamos e assumirmos essas identificações. Essa norma social que coloca o homem branco e heterossexual como os que dominam, que não precisam ser nomeados e assumidos, pressiona outras identidades a serem reivindicadas em voz alta para que possam existir.

A partir dessas reflexões, é possível perceber que a demanda por espaços que acolhessem essas alunas LGBTQIA+ era grande. Essas alunas não falavam sobre suas vivências relacionadas às suas sexualidades e suas identidades e expressões de gênero, o que poderia ser uma decisão pessoal, o que seria um direito, mas também essa falta de voz poderia ser, simplesmente, por não se sentirem seguras nos espaços que lhes foram apresentados. Considerando a segunda hipótese, realmente não parecia existir esse espaço apropriado para que essas discussões e vivências fossem inseridas.

Essa falta de espaço faz com que o *N01* reflita sobre isso: "[...] *foi muito disso, da gente ver que tinha uma demanda muito grande na Biologia, tanto de pessoas que eram e não conseguiam falar sobre, como pessoas que estavam em sala de aula e não tinham arcabouço teórico para trabalhar isso*". Ele também confirma que o interesse dos estudantes de licenciatura, bolsistas do PIBID e outras pessoas envolvidas com educação na época, sentiam essa vontade de iniciar logo esse espaço de acolhimento, discussão e estudo, pois já tinham uma vivência como professoras através de programas de formação docente e estágios.

O começo das experiências no grupo

O GEPESEX é criado para tentar acolher todas essas demandas. “*Aí, eu acho que foi quando a gente decidiu o nome do grupo para fazer a logozinha, porque a gente tinha que colocar a LOGO nos cantos. Então, a gente tinha que primeiro decidir a LOGO.*” O *NOI* comenta sobre a criação da identidade visual do grupo de estudos (Figura 1). Destacando o processo de construção coletiva entre as alunas e as professoras formadoras que estiveram no início do grupo.



Figura 1: Logotipo do GEPESEX. Fonte: Página do Facebook do GEPESEX na internet.

Chama a atenção na arte escolhida para identificar o grupo, a utilização dos símbolos “Espelho de Vênus” e o “Escudo de Marte”, que representam o feminino e o masculino, respectivamente. Sempre me perguntei o porquê da escolha desses símbolos para a identificação visual do grupo. Apesar de ter sido citado pelo *NOI* que o processo de escolha da LOGO foi coletiva, a representação desses símbolos parece que não consegue transmitir a existência de diversidades sexuais e de gênero.

A escolha desses símbolos feminino e masculino na logo representa uma identificação binária, ou seja, que reconhece gêneros e sexualidades a partir de uma classificação biológica. Para gênero, através dessa imagem, reconheço somente a representação do *Cis* masculino e do *Cis* feminino, inclusive sendo reforçado pelas cores rosa e azul; somente visualizo a representação de uma sexualidade: a heterossexual, quando os dois símbolos se entrelaçam, o que seria a sexualidade considerada ‘normal’ e a

única comentada nas aulas da educação para as sexualidades, sendo a homossexualidade vista com estranheza por essas professoras de Ciência e Biologia (SILVA, 2014). A escolha desses símbolos parece ter sido feita sem intenções de apagamento de identidades sexuais e de gênero, mas como discute Guacira Louro (2018, p. 19), “[...] aqui, uma forma de sexualidade é generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos. A heterossexualidade é concebida como 'natural', como universal e normal”.

Uma outra representação evidente da escolha desses símbolos na LOGO é o quanto o grupo pode ter começado muito influenciado e inserido no campo biológico, trazendo, provavelmente, conceitos de gênero e sexuais relacionados a esse campo de conhecimento e desconsiderando as implicações culturais, sociais e históricas. Sendo assim, o começo do grupo pode ter sido inspirado muito em formas de interpretações próprias da ciência que estavam vivenciando, por isso é preciso entender que:

A potencialidade da discussão está na superação da denúncia de que a sexualidade é abordada por um discurso ou texto biológico de modo a tornar a biologia meio e fim da sexualidade. Superar a denúncia pode significar desconstruir esse discurso, de modo a percebê-lo como dispositivo de fazer pensar modos de exercício do sujeito que codificam determinado modo de ser corpo e de sexualidade; mais ainda, fazer pensar que a sexualidade opera no fora do corpo (SILVA, 2014, p. 5).

Assim, as Ciências Biológicas (mas não só elas) se apropriam da forma como essas categorias são apresentadas para a sociedade. Inclusive, não é difícil escutar em setores conservadores e fundamentalistas da sociedade o reforço dos conceitos dessas categorias dentro da Biologia como forma de manter preconceitos e discriminações. Por exemplo, a ideia de que a heterossexualidade é natural, reforçada pela reprodução sexuada, quando temos a visão binária da heterossexualidade/homossexualidade. Assim, “[...] a sexualidade nesse caso, seria algo 'dado' pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, usualmente da mesma forma” (LOURO, 2018, p. 12). A heterossexualidade é forçada como sendo natural e inerente a existência humana. É o que devemos ser!

Dessa maneira, trata-se de uma visão distorcida, problemática e irreal a respeito das categorias sexo e reprodução, até mesmo para as Ciências Biológicas, cuja epistemologia não leva em consideração aspectos sociais e culturais de como essa ciência é formada.

Dessa maneira, “através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas” (LOURO, 2018, p. 12). Assim, temos que essas categorias Corpo, Gênero e Sexualidade são indissociáveis, pois quando nascemos, a partir de nossas genitálias é designado nosso gênero e o desejo sexual que devemos assumir pelo sexo contrário ao nosso.

A formação de professoras, que é fortemente influenciada por currículos deterministas e bacharelescos que não consegue enfrentar essas problemáticas, faz com que essas docentes de Ciências e Biologia ajudem a reforçar e a manter essa lógica discriminatória e violenta, mesmo que de maneira não intencional, mas esses currículos e formações não ajudam a essas professoras a trabalharem com essas temáticas.

Em termos práticos, a existência de profissionais cientes da sua responsabilidade, mas inaptos/as a realizar as tarefas necessárias, acaba por trazer pouca contribuição na resistência à exclusão e ao preconceito na escola. Estas são outras questões que reforçam a necessidade de reformas curriculares dentro das universidades e, em especial, nos cursos de licenciatura (SOUZA; DINIS, 2010, p. 132).

A escola é um espaço em que vivenciamos isso no dia a dia, em que vivemos constantemente as relações de poder institucional e identitária entre as sujeitas que ocupam esse local, como confirma Guacira Louro (2018, p. 22):

[...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores.

Se torna o local onde devemos pensar experiências comprometidas com os direitos de todas que ocupam esse espaço, principalmente aquelas que sempre tiveram essa identidade humana negada.

Assim, esse espaço escolar se constrói dentro de um modelo hierárquico, punitivo, vigiado, classista, heteronormativo, homotransfóbica, racista, elitista, onde entendemos que ainda temos um local formativo de crianças e adolescentes que assegura o local da sociedade hegemônica formada por homens brancos heteronormativos. A sociedade brasileira e, conseqüentemente, a escola brasileira é uma das mais violentas com pessoas LGBTQIA+ por conta de toda essa organização que favorece uma e exclui, apaga, silencia e discrimina outra.

Assim, é preciso uma formação que reconheça a humanidade de todas e busque reconhecer seus direitos humanos, sexuais e de existência, e a formação inicial nas Ciências Biológicas precisa garantir isso, não só, mas, principalmente, na formação docente.

Quando direcionamos olhares para a formação inicial de docentes de Ciências e Biologia quanto a temas da Educação para a Sexualidade, encontramos nos documentos oficiais de ensino, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Ciências Biológicas (MEC, 2002a) e mais recentemente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada dos professores da educação básica e ensino médio (MEC, 2015), orientações para que a temática seja incluída nos currículos e, portanto, trabalhada nos cursos responsáveis pela formação de tais profissionais, a fim de dar suporte para a docência nas instituições de ensino. (VITOR; MAISTRO; ZÔMPERO, 2020, p. 283 - 284)

Atualmente, o modelo mais existente de formação docente é “a prática educacional é baseada na aplicação do conhecimento científico e questões educacionais são tratadas como problemas “técnicos” os quais podem ser resolvidos objetivamente por meio de procedimentos racionais da ciência” (DINIZ-PEREIRA, 2014, p. 35). Dessa maneira, a professora é vista como uma técnica no assunto em que ela está sendo formada (DINIZ-PEREIRA, 2005). Esse modelo de formação é especialmente sentido nas Ciências Naturais, em que esse tecnicismo e positivismo é, muitas vezes, colocado de forma acrítica. As alunas do curso, sentindo a carência em sua formação docente, entendendo que esse espaço não garantia uma formação para trabalhar essas questões em salas de aula, como várias pesquisas da área apontam (SANTOS; RECENA; MACHADO, 2018; SOUZA; DINIS, 2010), encontravam no GEPESSEX o espaço que garantiria seus encontros com essas e outras temáticas que não existiam no currículo.

O GEPESSEX iniciou suas atividades nas Ciências Biológicas com ritmo intenso, com a publicação de vários trabalhos e a participação em eventos relacionados com as temáticas estudadas. Um dos eventos citados pelas narradoras foi o Encontro Nacional de Universitários pela Diversidade Sexual (ENUDES). A existência dessas publicações e a participação em eventos, tanto em um cenário local como em um cenário nacional, e até mesmo internacional, evidencia a importância e o protagonismo que o GEPESSEX

conseguiu nos seus primeiros anos de existência na formação docente em Ciências Biológicas com as temáticas referentes à educação para as sexualidades.

O grupo de estudos, também nesse momento de sua história, promoveu várias intervenções em escolas, sobre a organização dessas intervenções, *N01* comenta que: “*a gente tirava um dia que ia ser de texto e bora dividir o grupo, quem vai avaliar, quem vai levar a tesoura, quem vai facilitar isso aqui, que vai poder ir no dia...*”. Assim, ainda sobre esse momento de protagonismo acadêmico para as participantes do grupo que, inclusive, se reflete até hoje na vida dessas pessoas, a narradora *N02* comenta:

[...], mas foi muito importante também para embasar muita pesquisa da galera, na época de encontro universitário, de congresso, de tudo que a gente foi, tudo com base do que a gente via dentro do GEPESEX. TCC, mestrado, então, foi algo assim, que... foi uma ideia, eu não digo nem audaciosa, porque a gente nem, quando a ideia começou a gente não tinha essa grandiosidade dentro da cabeça da gente não.

Assim, o grupo foi se qualificando como uma importante iniciativa coletiva e institucional na intenção de aproximar mais aquelas alunas de uma formação docente que se comprometesse realmente com o que se é esperado dela, e na fala de *N02*, ela deixa claro que isso nem mesmo era esperado por aquelas alunas. Essa aproximação ia se verificando nos trabalhos acadêmicos e, inclusive, no futuro daquelas alunas. Dessa forma, o grupo se despontava como um espaço dentro da formação que reconhecia que suas alunas não podem frequentar um curso que não disponha de meios que facilitem a relação com as mais plurais questões em relação a sexualidade, como destaca o pensamento a seguir:

evidencia-se o reconhecimento por parte das políticas de educação brasileira sobre a necessidade das graduações de formação para o magistério (não somente em Ciências e Biologia, apesar de constituir o público-alvo desta pesquisa) contemplarem as questões referentes à Educação para a Sexualidade. Além de questões concernentes aos princípios socioculturais existentes em nossa sociedade, levando em consideração os estudos relativos aos modos de vida, comportamentos e atitudes dos grupos sociais, de forma a entender que há diversas formas de expressões culturais, de valores, de crenças e comportamentos relativos à orientação sexual, diferentes daqueles tidos até então como verdades únicas e absolutas. (VITOR; MAISTRO; ZÔMPERO, 2020, p. 292 - 293).

Dessa forma, o GEPESEX, através de seus encontros, das escolhas dos temas estudados, do protagonismo que algumas alunas assumiam na intenção de aprender mais sobre temas que ampliassem os horizontes do que elas aprendiam nas salas de aulas do curso de Ciências Biológicas (Licenciatura/Bacharelado), e a vontade de produzir ciência dentro dessa área, coloca esse grupo de estudos como uma iniciativa que buscou compreender e introduzir em seus currículos as mais variadas maneiras de pensar a sexualidade e as relações que poderiam surgir com ela e para ela.

Considerações Finais

O GEPESEX foi um grupo de estudos que no período em que esteve ativo fez parte da formação de gerações de futuras professoras, a sua história se relaciona com as inquietações que surgiam nos espaços de existência do curso, sendo assim, podendo destacar entre essas inquietações, a falta que algumas alunas sentiam de ter contato com as temáticas de sexualidade e gênero. As narradoras relataram que não encontravam nas disciplinas ofertadas pelo curso essas temáticas.

O GEPESEX surge de uma iniciativa coletiva e protagonizada por essas estudantes. As questões culturais da nossa atual sociedade, que chegam ao espaço formativo das universidades, também estavam presente no surgimento do grupo de estudos, como por exemplo, a busca por espaço de acolhimento para que questões relacionadas com as vivências e experimentações sexuais e de identidade de gênero pudesse ser discutida e entendida.

Assim, temos que a formação em Ciências Biológicas, precisa urgentemente ser alinhada as atuais questões sociais, culturais e políticas. Não podemos continuar formando futuras professoras e professores¹⁰ que chegam as salas de aula, com pouca, ou mesmo nenhum aprendizado a respeito dessas temáticas. Enquanto essa realidade não chega à formação de todas as futuras professoras de Biologia, iniciativas coletivas como a criação do GEPESEX podem começar uma mudança na formação docente desses cursos.

¹⁰ O uso do plural neutro foi incluído aqui para destacar que, caso fique alguma dúvida, que formação e o trabalho docente com a educação para as sexualidades deve ser realizado por todas. Mulheres, homens, não-binários e qualquer outra identidade de gênero e de sexualidade.

O GEPESEX não acaba, pois, suas sementes seguem existindo nas experiências que essas alunas e atuais professoras geram em suas práticas. E, dessa forma, contribui para uma educação para as sexualidades aberta as diversidades.

Referências

ALEXANDRE, M. **Educação sexual e a formação de professores de biologia no curso de ciências biológicas da Universidade Federal do Ceará**. 2019. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

ARCARI, C. Educação Sexual como Prevenção da Violência Sexual. In: Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. **Direitos sexuais são direitos humanos**: coletânea de textos. Brasília: Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, 2017. p. 23-28.

BORBA, R. C. do N.; ANDRADE, M. C. P. de.; SELLES, S. E. Ensino de ciências e biologia e o cenário de restauração conservadora no Brasil: inquietações e reflexões. **Revista artes de educar**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 144-162, mai/ago. 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social. **Perspec. Dial. Rev. Educ. Soc.**, Naviraí, v. 01, n. 0, p. 34-42, jan-jun. 2014.

ESCOSTEGUY, A. C. Estudos culturais: uma introdução. In: JOHNSON, R.; ESCOSTEGUY, A. C.; SCHULMAN, N. **O que é, afinal, estudos culturais?**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 2-11.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro /São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FURLANI, J. Existe “ideologia de gênero”? [Entrevista cedida a] Andrea Dip. **A Publica**. Disponível em: <http://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-gênero/> Acesso em: 20 jul. 2019.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. *E-book Kindle*.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MOURA, F. N. de S.; LEITE, R. C. M. O conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da sexualidade no ensino fundamental diante do discurso em documentos oficiais. **RECC**, Canoas, v. 24, n. 3, p. 61-77, 2019.

OLIVEIRA, J. M. D. de. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: Relatório do Grupo Gay da Bahia**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

SANTOS, C. F.; RECENA, M. C. P.; MACHADO, V. M. Sexualidade e diversidade sexual nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura em ciências biológicas nas universidades públicas em Mato Grosso do Sul. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 9, n. 25, p. 72-100, 2018.

SILVA, E. P. de Q. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-15, nov. 2014.

SILVA, R. B.; MOREIRA, T. B.; LEITE; R. C. M. Disciplinas de sexualidade no ensino superior: panorama da integralização curricular dos cursos de biologia, química e física da universidade federal do ceará. *In*: RIBEIRO, Luís Távora Furtado. et al. (org.) **Educação brasileira: em pauta**. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 303-310.

SOUSA, L. C.; DINIS, N; F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 119-134, set./dez. 2010

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA, E. de J. **Educação sexual “além do biológico”**: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia. 2018. 209 f. Tese 157 (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VITOR, M.; MAISTRO, V. I. de A.; ZÔMPERO, A. F. Educação para a sexualidade e formação inicial docente: uma investigação nos currículos de licenciatura em ciências biológicas. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 25 (1), p. 282 – 305, abri. 2020.

XAVIER FILHA, C. Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira? **Revista Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 16-39, jul./dez. 2017.